

Manifestaciones de violencia escolar en estudiantes de secundaria de una comunidad indígena de Chiapas¹

Manifestations of school violence in high school students in an indigenous community in Chiapas

Manifestações de violência escolar em alunos do ensino médio em uma comunidade indígena em Chiapas

Germán Alejandro García Lara

Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas, México

german.garcia@unicach.mx

Soledad Hernández Solís

Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas, México

sola1221.iraaa@hotmail.com

Carlos Eduardo Pérez Jiménez

Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas, México

carlos.perez@unicach.mx

Oscar Cruz Pérez

Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas, México

oscar.cruz@unicach.mx

Martín Cabrera Méndez

Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas, México

cabrera_mendez@hotmail.com

Jesús Ocaña Zúñiga

Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas, México

jesus.ocana@unicach.mx

¹ El presente trabajo forma parte del estudio: *Intervención psicosocial de la violencia escolar en alumnos de primaria y secundaria*, realizado por la Red Temática de Colaboración: *Procesos psicoeducativos, diversidad, convivencia escolar e inclusión digital desde una perspectiva de género y derechos humanos*, integrado por la UNICACH, UNACH y UV, con el cual se obtuvo financiamiento en la Convocatoria: Integración de Redes Temáticas de Colaboración de CA, Convocatoria 2015, del Programa para el Desarrollo Profesional Docente de Tipo Superior.

Resumen

El presente trabajo indaga sobre las manifestaciones de violencia en una escuela secundaria de una comunidad indígena de Chiapas. Para ello se realizaron entrevistas a estudiantes, directivos y docentes del centro escolar. El análisis de la información se llevó a cabo mediante la comprensión amplia de los registros, la extracción de unidades y el desarrollo, delimitación e interpretación de categorías. Los resultados indican que las manifestaciones de violencia son comunes en este grupo de escolares: golpes, insultos y abuso a los más débiles y las mujeres. Las vías de mediación utilizadas son el diálogo y la búsqueda de apoyo en la familia o docentes. La manifestación de dicha violencia revela tensión en las relaciones entre los estudiantes, así como el consumo de alcohol.

Palabras clave: violencia escolar, secundaria, indígena.

Abstract

This paper investigates the manifestations of violence in a high school in an indigenous community in Chiapas. To do interviews with students, principals and teachers of the school were made. The data analysis was carried out by broad understanding of records, extraction and development units, delimitation and interpretation of categories. The results indicate that the manifestations of violence are common in this group of school: beatings, insults and abuse the weakest and women. The routes used mediation are dialogue and seeking support in the family or teachers. The manifestation of such violence reveals strained relations between students and alcohol.

Key words: school, secondary, indigenous violence.

Resumo

Este artigo investiga as manifestações de violência em uma escola secundária em uma comunidade indígena em Chiapas. Para fazer entrevistas com alunos, diretores e professores da escola foram feitas. A análise dos dados foi realizada por amplo entendimento de registros, unidades de extração e desenvolvimento, delimitação e interpretação das categorias. Os resultados indicam que as manifestações de violência são comuns neste grupo de escola: espancamentos, insultos e abusos os mais fracos e mulheres.

As rotas de mediação utilizados são o diálogo eo apoio à procura da família ou professores. A manifestação de tal violência revela relações tensas entre alunos e álcool.

Palavras-chave: escola, secundária, a violência indígena.

Fecha recepción: Noviembre 2015

Fecha aceptación: Junio 2016

Introdução

Para entender a complexidade da violência escolar deve fazer uma análise psicológica, sociológica e pedagógica no âmbito do sistema educacional.

A violência é um comportamento agressivo e cujas origens são diversos fatores, especialmente sócio-cultural (Sanmartin, 2010). violência escolar, por outro lado, é definida como "o ato ou omissão intencional que ocorre na escola, na área circundante ou durante atividades extracurriculares, e que prejudique ou possa prejudicar os outros. Seus autores são geralmente pessoas envolvidas no contexto escolar "(Serrano, 2011, p. 148).

É um fenômeno complexo e interesse generalizado nas últimas décadas, que "surge no contexto de convivência e, portanto, se enquadra no regras, rotinas, processos, interação de sistemas e de câmbio, subjetividades e os próprios padrões culturais de cada instituição escolar "(Roman e Murillo, 2011, p. 39).

Individualmente que ocorre como resultado de raiva, que tem a ver com habilidades limitadas: comunicação, resolução de problemas, gestão de emoções; além de fatores contextuais, tais como ciúme, frustração, o consumo de álcool □entre outra sustancias□, dando origem à percepção de vulnerabilidade da vítima (Echerubúa, 2011).

Em trabalhos de pesquisa qualitativa que foram feitas, comportamentos violentos incluem agressão verbal, empurrando, ameaças, xingamentos, entre outros, exceto para as piadas, porque estes são feitos como um jogo, exceto aqueles sentimentos que afetam (Espelage e Asidao, 2001) .

Para entender essas manifestações de violência de forma mais ampla, Dubet (em Guzman, 2014) afirma que é necessário para classificar os diferentes tipos que existem: uma é que considerado "natural" da adolescência, com base em uma "profunda acordo sobre as regras e transgressões "(p 55.); violência social, que vem das condições precárias, superlotação escola ea experiência de exclusão prévia de certos grupos sociais que "afeta o sentido da experiência escolar e estudos de um contexto de oportunidades limitadas" (p 56.); e anti-escola, onde os alunos tornam-se sujeitos à ação violenta aos professores, infra-estrutura e materiais escolares. Nesta tipologia é a perspectiva da lógica da ação da sociologia da experiência social, onde "os comportamentos individuais e colectivos dominada pela heterogeneidade de seus princípios constituintes ea actividade dos particulares, resultante da articulação de três lógicas ação: integração, estratégia e subjetivação" (p. 63).

A lógica da integração realiza a função de socialização; a estratégia relaciona-se com certo interesse na interação social; subjetivação e refere-se à criatividade, à ação de crítica à dominação prevalente. Tal raciocínio é necessário considerar o ambiente sócio-cultural do sujeito e do modo como a violência se expressa lá.

Ambiente sociocultural que se manifesta como "... um sentimento de exclusão, da degradação diária de ligações vitais" (Belgich, 2005, p. 11). Nas escolas indígenas tais ligações referem-se a terra, comunidade e cultura, que são contrastados com formas de comportamento, interação, interesses ou atividades de uma sociedade de consumo que constantemente se referem meios de comunicação e tecnologia da informação computador. Neste sentido, há um distanciamento de sua cultura, mas também a satisfação de uma sociedade globalizada.

Para o trabalho, em busca de constantes satisfações jovens migram para outras cidades do estado, país ou nos Estados Unidos, e quando eles retornam para suas comunidades estão em "um limbo cultural que os faz sentir" distante e muitas vezes vergonha suas próprias raízes "(Garcia e Arellano, 2007, p. 5). Isso leva à reconstrução de sua identidade e a amplitude e o estabelecimento de novas formas de convivência. Embora este sector está ativamente envolvido em alguma reconfiguração da cultura por sua vez, é um sinal de enraizamento da identidade, como ainda é considerada parte do tecido social da comunidade que os jovens não se separam, mantendo através de redes sociais os espaços que migram, os comuns, culturais, estruturas étnicas e de classe.

Um ponto de tensão e mudanças sociais são as relações familiares estabelecidas em uma estrutura patriarcal, que são caracterizadas pela subordinação das mulheres aos homens e o domínio que o homem estabelece a continuar nessa posição (Lagarde, 2011).

Tais relações entre homens e mulheres é parte do ambiente cultural e carrega características pessoais e sociais que medeiam os processos de subjetivação presentes nas manifestações de violência, cuja lógica subjacente é que a análise da cultura da escola indispensável.

Como já mencionado, a violência escolar é caracterizado por comportamentos altamente heterogêneas e complexas; no entanto, eles são muito poucos estudos sobre o assunto e ainda mais em comunidades indígenas. Devido a isso, este artigo explora as manifestações de violência na escola de uma comunidade indígena em Chiapas.

Técnicas

A entrevista, entendida como um processo de comunicação que ocorre entre duas pessoas, foi a técnica que foi utilizada, em particular a entrevista focada. Sierra (1996), esta é uma conversa formal, onde uma experiência pessoal específico, neste caso, situações de violência escolar é reconstruído.

Contexto

A pesquisa foi realizada na sede do condado de Larráinzar. O município de mesmo nome, está localizado na região econômica V Altos Tsotsil Tseltal, cuja língua nativa é o tzotzil. Esta comunidade tem um alto grau de marginalização e atraso social, e os níveis médios de desenvolvimento humano. De acordo com o INEGI (2010), o município tem 20 000 349 habitantes, dos quais 15 000 971 falam a sua língua materna. Principalmente moradores da comunidade estão envolvidos na agricultura e criação de gado e animais domésticos; geração de produção é o consumo.

Cobertura da educação tende a diminuir nos graus mais elevados. No ano lectivo de 2013-2014, a população escolar no No. EST. 57 era 658 alunos, que vieram de diferentes locais e sítios localizados ao redor Larráinzar. O corpo docente composta por 27 professores e funcionários do trabalho social: duas pessoas que desempenham funções de secretária e outros três professores e assistente do diretor de trabalho.

Processo

Para o desenvolvimento deste trabalho foi fundamental a intermediação maestro Carlos Perez Sanchez, ex-diretor de uma das escolas de nível primário e que participa ativamente em diferentes tarefas na comunidade. Com a ajuda deles uma reunião com as autoridades da comunidade, liderada pelos juízes senhores, o secretário, o prefeito, o governador e os anciãos, que em um ato cerimonial que recebeu e ouviu com bondade e respeito acordadas, então eles nos deram o seu apoio para realizar o trabalho. Em seguida, apresentamos com os gerentes e funcionários da Escola Técnica Não .. 57 anos, que depois de ouvir sobre o estudo decidiu colaborar e apoiar o seu desenvolvimento. Também obtivemos a autorização do campus controladora.

Mais tarde, com o consentimento dos participantes, entrevistas dentro da escola foram feitas. Os temas abordados foi o conceito que tínhamos sobre a violência, suas manifestações e como resolvê-los. Para esta faixa de áudio gravado no local da aplicação e começou a transcrever as entrevistas em formato digital foi usada. Posteriormente, conduziu a análise de informações. Entrevistas com professores e o diretor da escola foram

processados da mesma maneira, com particular interesse na descrição dos cuidados prestados a este tipo de problema.

Análise de informações

Aqui, a técnica de análise de dados foi aplicado, que de acordo com Martinez (1998) consiste em selecionar ou remover unidades de uma análise de contexto para código. Subsequentemente, os dados são analisados simultaneamente para desenvolver conceitos. Esta aplicação representa as primeiras categorias de contraste ou subcategorias, surgindo ao longo de um estudo realizado em quadros sucessivos ou contextos. Tal método é desenvolvido em quatro etapas: a primeira envolve a compreensão dos dados, o segundo envolve uma integração de cada categoria, com suas propriedades, a terceira exige delimitar os resultados e, finalmente, a análise e interpretação da informação obtida é feita, depois de um processo de relacionamento, comparação e redução das categorias, estruturando assim os grandes temas de análise.

RESULTADOS

A concepção de violência

A concepção de violência vem em diferentes domínios; por exemplo, na família e nas relações de gênero, embora haja uma clara compreensão de que é um problema social que ocorre em diferentes níveis e que diz respeito a ambos os indivíduos e comunidades.

Geralmente dentro da família se manifesta entre os pais e seus filhos durante o envelhecimento; um fenômeno que é silenciada pela vulnerabilidade social e fraqueza física de crianças. Um dos alunos falou sobre:

... violência é quando um pai ou uma mãe, digamos maltratar-nos □ tanto mulheres e homens nos maltratam□, eles nos abuso (entrevista 1, Alberto, estudante de 3° de secundaria).

Distribuição desigual e organização de papéis de subsistema parental no que diz respeito ao fraterna, colocando as crianças em situação de vulnerabilidade estrutural, que por sua vez determina uma forma de vulnerabilidade adquirida ou adicionado, o que ocorrer mais tarde no contexto da interação social, particularmente no caso das mulheres (Lorente, 2011).

Esta condição se estende e se claramente nas relações de gênero:

... É quando maltratar uma mulher, ou casem-se e, em seguida, deixá-lo ir para casa; porque o homem não quer estar com sua esposa (Carlos, estudante de 1º de secundaria).

... violência é que os meninos fixá-los meninas e deixar ferido (Karla, estudante de 1º de secundaria).

Apoio escolar indígena "□y quádruplo triplo se eles são mujeres□□exclusión: exclusão étnica (por ser indígena); excluindo classe (ser pobre); exclusão social, geracional (ser jovem) e, se for caso disso, a exclusão de gênero (como as mulheres) "(Garcia e Arellano, 2007, p. 5). Esta realidade coloca "uma forma contínua entre a violência escolar em suas formas extremas e violência de gênero (adulto)" (Serrano, 2011, p. 154).

Da mesma forma, essa violência considera que aponta pares privação dos direitos e bem-estar das pessoas:

... violência é que os colegas maltratam (Mario, estudante de 2º de secundaria).

Finalmente, essas ações não são um inerentes assuntos condição, mas envolve instituições e da própria sociedade:

A violência é mais um problema que ocorre em um nível social em nossa república mexicana, por causa de problemas familiares ou intercommunal (Francisco, estudante de 3º de secundaria).

Violência: a repetição ou excepcionalidade

As manifestações de um evento não expressa igualmente em uma comunidade indígena em outros contextos, e, portanto, não pode ser interpretado a partir das mesmas instalações. Enquanto os alunos e professores relatam que o comportamento violento manifestado em abuso ou choque é raro não significa que ele está ausente; mas sim que sofreu uma mutação em outros dispositivos simbólicos que o ocultam, como a exclusão psicológica ou social. Exemplos são os estudos trancos na escola secundária e alta, o que é muito mais evidente em mulheres, e sua falta de participação em atividades que envolvem um maior poder social. A este respeito, o pessoal de apoio comenta:

Nenhum problema para que ele (a violência), são muito poucos.

Aqui é muito pequeno conflito com os alunos, isso é muito raro em estudantes, que brigam (licenciada Xóchitl Nandayapa, prefecta).

Os alunos partilham desta opinião, mas também apreciar mais frequência neste tipo de acção. Quando perguntado se eles testemunharam violência ou conflitos dentro da escola, eles disseram que sim.

É possível que o envolvimento dos pais cuja representação faz uma aparição a cada segunda-feira na cerimónia de homenagem e participa como reuniões de montagem onde as questões importantes são discutidos na escola de vida atuam como uma restrição e garantir determinados padrões e valores comunidade.

Expressões de violência

Diferentes comportamentos envolvendo insultos, palavrões, empurrando e de combate, todas as expressões de relações entre os alunos. No entanto, eles não são comuns na interação entre pares.

No que diz respeito às respostas estudantis contra insultos, é comum que o Encare atacou diretamente o agressor e ambos acabam agregação de choque. Sobre isso foi dito:

Se me incomoda muito, diga-me e eu não vou jurar, eu começo a dizer muitas coisas; então eu atingi-los! (Estudante Karla 1 secundário).

Um exemplo é: insultar um parceiro; embora às vezes sem eles me insultar, eu vou!, como eu dou, bater-lhe! (Estudante Alberto 3ª secundário).

O problema mais comum na escola □entre que alumnos□ está sendo apelidos contadas; por isso que existem problemas e discussões sem chegar às vias de fato (Eleuterio, estudante de 3º de secundaria).

De acordo com Guzman (2007), a violência no nível secundário pode ser considerado "natural", que faz parte da vida escolar e, implicitamente, corresponde a uma série de acordos sobre o que é tolerável e que não é. A este respeito, os insultos são considerados como parte da interação. No entanto, se estes são destinados a uma família são extremamente ofensiva e a resposta é imediata:

... às vezes eu não ter em conta, mas se eu disser coisas fortes como insultar minha família, meu irmão ou alguém, porque eu digo a eles que eu não gosto! Se eu digo novamente, bem ... eu bati! (Alberto, estudante de 3º de secundaria).

Lutas ou conflitos são poucos, embora às vezes a razão não é perturbar os outros, mas a disputa por um companheiro:

A maioria das lutas tempo dadas aqui é para as mulheres (Francisco, estudante de 3º de secundaria).

... a inveja é uma característica comum em casais, que terminam com violência física entre si ou com outro namorado meninos (Ps. Andrea, docente).

Em alguns casos, é evidente que os colegas ou colegas supostamente mais fraca incomoda.

Mulheres no máximo cinco por cento, dizem: "Ele me abraçou", "eu fui e me assobiou" ou "eu tenho um apelido" (professor Ariadna, conselheiro da escola).

Eu gosto de incomodar as meninas ... porque as crianças se reúnem dois ou três e nós podemos ficar, e as meninas (Carlos, estudante secundária 1).

Alguns são muito agressivo com outras mulheres (Gabriel, estudante de 3° de secundaria).

Esta condição de intimidação "normalmente ocorre em uma situação onde há um verdadeiro desequilíbrio de poder ou percebida" (Ontario Ministério da Educação, 2013, p. 1), e ocorre são mais frequentemente os homens em relação às mulheres, onde a força física é a base para iniciar o comportamento agressivo. De acordo com Arendt (citado em Belgich, 2005, p. 9), "a violência ... é de impotência origem (e filhos) apelo à violência tentando afirmar-se com um poder que não é assim, na mais destrutiva da concorrência, como fica diminuindo os outros".

Essas expressões estão intimamente ligados com o álcool na escola:

Quando uma perturba o outro é dada por alcoolismo ou drogas também; um acreditava mais superior ao outro, e que gera violência entre os pares: outros insultos para o outro, porque se acredita superior ao outro. Mas, não é, mas é o oposto.

Eu tenho quatro ou cinco companheiros que consomem álcool ... se comportar de forma agressiva com os seus pares, ou ter uma atitude muito relaxado: não

levar as coisas a sério; Eles levam isso como uma piada (Francisco, estudante terceiro secundário).

E ele é visto como forte, tão Chingón com drogas, então, e são mais fortes com isso (Gilberto, estudante de 3º de secundaria).

A associação entre as expressões de abuso e violência substância é um problema amplamente relatado em diferentes estudos (Rede para os direitos das crianças no México, 2010; SSP / SEP, 2010; Ayala, 2015). O consumo de álcool é um problema observado por alunos e professores, o que contribui para o estabelecimento de novas convenções e conceitos sobre a interação e convivência entre os pares, especialmente em um ambiente sociocultural onde as tradições emparentam com tal ingestão.

Mediação e participação

O conflito no contexto escolar não são recorrentes; no entanto, um aluno pode irritar outro ou outros eo problema ser resolvido pelos envolvidos, sem que transcende mais.

Uma vez que as situações de intimidação ou abuso presente, os alunos assumem um papel activo para impedir a sua escalada, usando quando eles são incapazes de lidar com tais situações, os professores e executivos e até mesmo os próprios pais. Em alguns casos, a sua participação é imediata e direta:

... Eu digo a eles para não lutar, e se eles não escutam eu ficar muito (Karla, estudante de 1º de secundaria).

Em situações de agressão directa de terem sido dirigido a pais de alunos agressores:

Falei com seu pai e ele disse a ela, e correu (José, estudante de 1º de secundaria).

Apesar de não expressar o que aconteceu, infere-se que o envolvimento dos pais através do diálogo ou sanções, é um dos mecanismos de contenção mais importantes em tais manifestações.

No entanto, outros estudantes sentiram que o diálogo é uma solução que é usada para persuadir o agressor:

Eu vou dizer bem; Eu não vai ficar tão rápido. Não vou dizer bem que será o caso mais uma vez: não fazê-lo (Joseph, estudante secundária 1).

A principal coisa é falar direito?, Discutir o problema. A que se deve? Se, isto é, se alguém cai doente, o que este problema é? Primeiro é para falar sobre o problema e se for dada se o diálogo viria a não ter resultados, e gostaria de ser tomadas outras medidas para que ele possa dar-lhe uma solução para o problema ou conflito que tem, de modo a não ficar ataques físicos (Francisco, estudante de 3° de secundaria).

Por fim, recorrer à autoridade é a forma mais comum de impedir que agrade:

Eu digo a um dos professores e falar com eles (Mario, estudante de 1° de secundaria).

Eles chamam, informe seus filhos, enviá-los para ligar para a sua mãe e dizer ao seu filho que não fazer o mesmo (Celia, estudante de 3° de secundaria).

A análise feita destas manifestações de violência é crítica, com um profundo sentido de as implicações que carregam o ambiente escolar. Tal como resumido por um dos alunos:

Eu acho que esses ataques é errado. Por quê? Porque nós, como os alunos não devem passar isso. Por quê? Porque estamos a receber educação. Ou seja, não estamos educando para que possamos ser rogues!, De modo que somos um bando! Estamos educando para ser bons cidadãos, de modo que nós não estamos lutando uns com os outros. Se isso for feito aqui na escola, não é certo! (Francisco, estudante de 3º de secundaria).

Para Dubet (em Guzman, 2014), o comportamento social dos indivíduos pode seguir a lógica da subjetividade, onde "o ator é apresentado como sujeito crítico" (p. 63). O último parecer fala de uma escola que, enquanto socialização leva uma forte tradição de escola, também pode realizar determinada distância com um sentido de cidadania e crítica desses comportamentos. A fusão é parte do desenvolvimento social dos sujeitos no ambiente escolar.

Conclusão

Escola e manifestações de violência dentro dele são um reflexo da situação social; no entanto, também denunciou o desafio dos princípios que norteiam a cultura da escola em si, um processo em tensão entre as formas de socialização e subjetividade dos alunos. Neste processo, a família e sua incursão as funções do ambiente escolar como elemento de contenção e canalizar essas expressões de violência, sinal inequívoco da interligação entre a comunidade ea vida familiar.

Do ponto de vista da sociologia da experiência escolar (Dubet em Guzman, 2014), é relevante considerar o significado dessa experiência, num contexto em que a mobilidade social ou o acesso a outras condições de vida que foram construídas como parte de o penhor escola, são ilusórios. Essa promessa também nem sempre acabam como uma forma integrada da cultura emergente para grupos escolares, mas às vezes leva à violência. Assim, embora a lógica que permeia socializante integração também subjectivação e crítica da escola pode ser visto.

Além disso, a cobertura escolar expandiu tem acesso destina-se a estudantes que se distanciam de suas próprias comunidades, suas atividades e formas de interdependência (Miguez, 2014), levando fatores sócio-culturais, tais como as relações entre homens e mulheres e álcool é contrária aos princípios da cultura escolar.

Isso destaca a necessidade de limitar os comportamentos que estão incluídos dentro da violência escolar mandato como atos de violência física e violência psicológica menos ou exclusão social são tidos em conta. Também é seguido aprofundar o papel dos meios de comunicação e processos de emigração-imigração de jovens, por tudo o que impactos sua interação social.

Bibliografía

- Ayala-Carrillo, María del R. (2015). Violencia escolar: un problema complejo. *Ra Ximhai*, julio-diciembre, 11(4), 493-509. Universidad Autónoma Indígena de México. El Fuerte, México.
- Belgich, H. (2005). *Escuela, violencia y niñez: Nuevos modos de convivir*, 2ª edición, Rosario: Homo Sapiens.
- Echerubúa, E. (2011). Las raíces psicológicas de la violencia. En: Sanmartín Esplugues, J., Gutiérrez Lombardo, R., Martínez Contreras, J. y Vera Cortés, J. L. (coordinadores). *Reflexiones sobre la violencia*, 1ª reimpresión, pp. 34-56, México: Instituto Centro Reina Sofía/ Siglo XXI.
- Espelage, D., y Asidao, C. (2001). Conversations with middle school students about bullying and victimization: Should we be concerned? *Journal of Emotional Abuse* 2 (2), 49-62.
- García A., M. A. y Arellano Nucamendi, M. (2007). Juventud indígena: en el limbo generacional y la exclusión sociocultural (el caso Chiapas). Documento de Análisis elaborado para el Proyecto: *Contexto, Conflictividad Social y Derechos Humanos en Chiapas, Maderas del Pueblo del Sureste*, A. C., Chiapas, México.
- Guzmán Gómez, C. (2014). La violencia escolar desde la perspectiva de Francois Dubet: Tensiones, reticencias y propuestas. En: Furlán, A. (coord.). *Reflexiones sobre la violencia en las escuelas*, pp. 49-71, México: Siglo XXI Editores.
- Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI) (2010). *Censo de Población y Vivienda. Panorama sociodemográfico de Chiapas*. México: INEGI.
- Lagarde y de los Ríos, M (2011). Violencia de género. Ley general de acceso de las mujeres a una vida libre de violencia. En Sanmartín Esplugues, J., Gutiérrez Lombardo, R., Martínez Contreras, J. y Vera Cortés, J. L. (coordinadores) (2011). *Reflexiones sobre la violencia*, 1ª reimpresión, pp. 59-91. México: Instituto Centro Reina Sofía/ Siglo XXI.
- Lorente Acosta, M. (2011). Capítulo 12. Violencia contra mujeres y menores. ¿Por qué mujeres y niños son víctimas propiciatorias de la violencia en la comunidad. En: Sanmartín Esplugues, J., Gutiérrez Lombardo, R., Martínez Contreras, J. y Vera

- Cortés, J. L. (coordinadores) (2011). *Reflexiones sobre la violencia*, 1ª reimpresión, pp. 209-239. México: Instituto Centro Reina Sofía/ Siglo XXI.
- Míguez, D. (2014). Cavilaciones epistemológicas sobre el estudio de la violencia en las escuelas. Elías y el equilibrio entre nominalismo y positivismo. En: Furlán, A. (coord.). *Reflexiones sobre la violencia en las escuelas*, pp. 72-101. México: Siglo XXI Editores.
- Sanmartín Esplugues, J., Gutiérrez Lombardo, R., Martínez Contreras, J. y Vera Cortés, J. L. (coordinadores) (2011). *Reflexiones sobre la violencia*, 1ª reimpresión. México: Instituto Centro Reina Sofía/ Siglo XXI.
- Serrano, A. (2011). Capítulo 8. Violencia escolar. En: Sanmartín Esplugues, J., Gutiérrez Lombardo, R., Martínez Contreras, J. y Vera Cortés, J. L. (coordinadores) (2011). *Reflexiones sobre la violencia*, 1ª reimpresión, pp. 147-160. México: Instituto Centro Reina Sofía/ Siglo XXI.
- Red por los derechos de la infancia en México (2010). *La violencia contra niños, niñas y adolescentes en México. Miradas regionales. Ensayo temático. La infancia cuenta en México 2010*. México: Derechos de la Infancia en México A. C.
- Secretaría de Seguridad Pública / Secretaría de Educación Pública (2010). *Guía básica de prevención de la violencia en el ámbito escolar*. México: SSP / SEP. Recuperado de: <http://conade.gob.mx/bullying/Documentos/ViolenciaEscolar.pdf>